

# O TIRO CIVIL

REVISTA DE EDUCAÇÃO PHYSICA E SPORT NACIONAL

Director e proprietario  
Anselmo de Souza

PREMIADO COM O GRANDE DIPLOMA DE HONRA, NA EXPOSIÇÃO DA IMPRENSA, LISBOA 1898  
Orgão official da União dos Atiradores Civis Portuguezes e Associação dos Caçadores Portuguezes

Editor responsavel  
F. S. Pedroso Junior

Annuncios

Nacionais e estrangeiros preço convencional  
Typographia —Rua de S. Paulo, 216

Terça-feira, 15 de maio de 1900

Assignatura paga adiantada

Lisboa, 3 mezes . . . . . 300 reis  
Provincias, 6 mezes . . . . . 680 »  
Numero avulso . . . . . 60 »

## O TRANSVAAL

XII

No momento em que vamos escrever, — um mez exacto depois do nosso ultimo artigo, — a Inglaterra está plenamente convencida de que o seu definitivo e final triumpho não pôde ser já duvidoso, e até mesmo de que está para muito breve o vê-lo realisado.

Essa convicção resalta, vivissima, das palavras que Chamberlain pronunciou, na noite de II, em um banquete dado em Birmingham, pela *Associação Liberal Unionista*, e das quaes o telegrapho nos envia um audacioso resumo. O secretario de Estado das colonias, alma damnada e promotor essencial, com Cecil Rhodes, de toda a intriga diplomatica que precedeu a guerra, e que a preparou de maneira a tornal-a inevitavel, julgou oportuno o momento de annunciar ao mundo as resoluções finaes da Inglaterra com respeito aos pequenos Estados africanos, para castigal-os da ousadia com que elles teem pretendido defender a sua independencia, pondo em cheque, durante mais de sete mezes, o prestigio das armas inglezas, e infligindo perdas descommunaes, e completamente imprevisas, aos seus implacaveis contendores.

E, por isso, no seu discurso da ultima hora, — que tão larga repercussão vae ter, e que nos parece, de certo modo, intencionalmente dirigido á America ingleza, a caminho da qual vão navegando, a esta hora, os emissarios do Transvaal, na sua missão de lhe conseguirem os bons officios em favor da paz que solicitam, — Chamberlain não hesita, nem de leve, em fazer as mais calumniosas e as mais atrozes affirmações, convicto como está, de que a realisação d'ellas é apenas obra de tempo, e de que os boers nada mais teem a esperar, nem do seu esforço proprio, nem da coadjuvação alheia, nem das sympathias que o mundo inteiro lhes tributa, nem da piedade dos seus adversarios, finalmente vencedores.

Dizem, textualmente, as communicações telegraphicas, que Chamberlain, no seu discurso, «condemnou os adversarios da guerra, attribuindo ás criticas d'estes a hostilidade dos povos estrangeiros; que procurou demonstrar que o Transvaal foi o aggressor, recusando todas as reformas favoraveis aos *nillanders*, e atacando em seguida as possessões britannicas, tendo sido excessiva a paciencia da Inglaterra; e que repelliu as accusações de ter offendido o presidente Kruger e de fazer a guerra para favorecer capitalistas.»

A audacia na apresentação de todos estes desmentidos só é comparavel á que foi precisa para affrontar a justiça e a consciencia humana, tornando-se reu de todas as iniquidades de que ellas o accusam, e negando depois com acinte, — tendo por

apoiio unico a força e o successo, — aquillo que está provadissimo, e que é mais do que evidente.

E depois de não ter, nem sombra de escrupulo, em fazer taes affirmações, tão contrarias a toda a verdade, ainda Chamberlain terminou dizendo:

«... que o paiz ha de sahir mais forte d'esta guerra, a qual prova os recursos da nação, e que as condições da paz serão estas: não estar a Inglaterra disposta a reconhecer a independencia das duas republicas; serem os territorios d'ellas incorporados no imperio; seguir-se á guerra a occupação militar, e só se conceder a autonomia, quando ella fôr possível!»

Para assim falar, desde já, é preciso, como dissemos, que o ministro inglez não tenha a menor duvida sobre o exito proximo, da campanha. Em que se funda elle para tão firme e solida convicção?

Sente-se que o governo inglez tem a certeza absoluta de que o movimento geral começado por lord Roberts, e annuciado ruidosamente por lord Salisbury, desde 26 de abril ultimo, ha de ter promptamente como desenlace fatal a derrota completa e inevitavel dos boers. E ainda se conhece que tal convicção tem sido enraizada pelos acontecimentos, mais indicativos do que formaes, dos ultimos cinco ou seis dias.

Com effeito, a arrogancia com que hoje nos fala Chamberlain, contrasta até certo ponto com a duvidosa anciedade, expressa pelo primeiro ministro, lord Salisbury, no discurso que teve occasião de pronunciar, na noite de 5 do corrente, na *Real Academia*.

Dava esta o seu grande banquete annual, honrado com a presença do rei da Suecia, do principe de Galles, do primeiro ministro, e de um grandissimo numero de outros personagens de distincção.

Na altura dos brindes, alguém, naturalmente combinado para esse effeito, ergueu um *toast* «aos ministros da rainha,» provocando assim o agradecimento do Marquez de Salisbury, o qual, levantando-se para responder, pediu desculpa ao auditorio de esquecer, por um momento, que estava n'um banquete destinado a festejar a arte, e de falar n'um acontecimento que, a essa hora, «*tinha como que suspensa a respiração de toda a Inglaterra.*»

E continuou:

«Sabeis, meus senhores, que, ha quarenta e oito horas, começou um movimento gigantesco, em um paiz longinquo, sob a direcção de um general victorioso. A Inglaterra e o imperio britannico estão com os olhos voltados para esse paiz, e seguem com ansiosa attenção esse movimento. O que só vos posso dizer, é que *espero*, é que todos nós *esperamos*, que a primeira consequencia d'elle deverá ser a libertação da valorosa guarnição de Mafeking, e depois, em seguida, a terminação d'esta guerra, que se está prolongando de mais.

«Quando bebeis á saude do governo de sua magestade, como n'este momento o fazeis, por assim dizer não era a mim que vos pertencia responder, era a lord Roberts e a lord Kitchener, por ser nas mãos d'elles que está, verdadeiramente, a esta hora, o poder da nação. O governo, pela sua parte, tem apenas um papel: o de endossar as criticas que sobre elle fazem chorar os jornalistas e os homens politicos.

«Essas criticas, como sabeis, não nos teem faltado n'estes ultimos dias, e, emquanto a mim, que não sou, como acabo de vos dizer, senão o representante de lord Roberts e de lord Kitchener, se tivesse que dar-lhes resposta, não lhes d'ria cousa diversa do que lord Kitchener e lord Roberts responderiam, se estivessem aqui.»

Vae longe das preocupações, das anxiedades, e das simples esperanças, do Marquez de Salisbury, em 5 de maio, ás certezas, ás convicções e á desmedida insolencia de Chamberlain, apenas seis dias depois!

O primeiro ministro ousava esperar, quando muito, e como primeira consequencia do movimento iniciado, a libertação de Mafeking. Não vemos que Mafeking esteja ainda libertada! Depois viria o acabamento da guerra «a epoca em que o silencio hade reinar novamente nos campos de batalha», e, tambem não vemos como é que esse acabamento esteja proximo, nem as noticias a toda a hora recebidas dos canhoneios diariamente realisados, nos parecem ser indicação esperanças de que a elles tenha de seguir-se brevemente o silencio harmonioso do trabalho e da paz.

\*  
\*  
\*

Attribuir ás criticas vehementes dos adversarios da guerra, no seu paiz, a animadversão que esta levantou contra a Inglaterra, em todas as nações extranhas, é uma phantasia arrojada, que chega quasi a ser uma provocação ao bom senso d'aquelles que primeiramente o escutavam, e depois ao d'aquelles a quem tal absurdo é communicado, por intermedio do recente telegramma. O que Chamberlain tinha a dizer, era sómente que a injustiça e a iniquidade da guerra affligiam as consciencias dos proprios inglezes e da maioria da nação, apesar das vantagens materiaes que esta pôde vir finalmente a obter, no caso provavel de victoria; não sendo para admirar a quasi unanimidade da condemnação, em todas as camadas dos povos estrangeiros, quando mesmo na propria Inglaterra a consciencia de todas as almas honestas não pôde reprimir a sua indignação.

Isto é o que todos sabem e o que todos pensam, e affirmar o contrario, como Chamberlain affirma, é abusar da posição official em que a fortuna o collocou, af-



frontando o mundo inteiro com a sua sem razão.

O proprio lord Salisbury o contradisse antecipadamente, em um outro discurso por elle pronunciado, dois dias antes do discurso de Birmingham, e quatro depois do *toast* no banquete da *Real Academia*. Foi em 9 de maio, na manifestação annual da *Primrose League*, em Albert Hall, da qual o marquez de Salisbury é grão-mestre.

Ahi, o primeiro ministro reconheceu toda a má vontade que os povos sentem contra a Inglaterra, não pensando em applical-a pelas criticas dos proprios inglezes, mas antes admitindo-a francamente como um sentimento instinctivo, capaz de tornar-se um dia prejudicial á grandeza britannica, se esta se não acautelar e prevenir a tempo, como elle mesmo aconselha.

As declarações de Salisbury, a este respeito, e ainda a outros com elle relacionados, são deveras interessantes, e mostram, além de tudo o mais, qual a lição e a experiencia que a Inglaterra tem adquirido, n'estes oito mezes de campanha. Disse elle:

«Tanto quanto eu o sei, a situação em tudo o concernente aos governos é pacifica: não era possivel falar em termos, que fossem exaggerados, da *neutralidade meticolosa e correcta observada por todos os governos do mundo*. (O que teriam os boers a objectar a isto? E o que poderiam os portuguezes dizer!) E não ha nada que ponha em maior relêvo a sua determinação de se conformarem com os principios da justiça e do direito do que o facto de, em uma certa secção dos nacionaes d'esses governos, secção muito ruidosa, se não muito profunda, os grandes preconceitos actuaes contra a Inglaterra não recuarem deante de nenhum exaspêro, para pôrem em cheque a nossa posição relativa no mundo.

«Todavia, a despeito d'essa attitude da maior parte das nações, se porventura o não é de todas, os governos não cessaram de se deixar guiar sempre *por considerações de paz, de legalidade e de justiça*. (Era o caso de repetirmos as perguntas, já deixadas acima, entre parentheses).

E' prodigioso como em linguagem diplomatica e official se mente!

Lord Salisbury sabe, na perfeição, quanto não tem sido absoluta, da parte de muitos governos, a correcção a que se refere, e como os boers teem sido subrepticamente fornecidos de munições de guerra e de provisões de bôca, pelos bons officios de alguns d'elles. Sabe, por outro lado, qual a attitude, bem diversa da neutralidade meticolosa, a que nos submetteu, para lhe deixarmos atravessar, com as suas tropas, a Beira. E todavia, exprime-se nos termos cortezes, que deixamos transcriptos, como se elle e os outros estivessem innocentes de toda a culpa, e como se nada soubesse!

A sua confiança, porém, é tão fragil; acredita tão pouco o que diz, e é tanto o que tem visto e aprendido n'estes oito mezes de guerra, que, apesar das boas palavras em que se lhes dirige, sempre os vae avisando, com delicadeza que não exclue uma ameaça muito séria.

Porque logo em seguida aos agradecimentos e aos testemunhos de boa amizade, que lhe consagra nos periodos que transcrevemos, acrescenta:

«Não se segue d'aqui, que a Inglaterra não tenha que tomar precauções; os governos podem parar, os sentimentos podem mudar de um anno para outro; mas

o azedume contra a Inglaterra, que eu de todo em todo não sei explicar, pôde provir, ou de um simples capricho destinado a satisfazer unicamente as exigencias dos jornalistas da época, ou então, ainda, pôde nascer de um sentimento profundo com o qual mais tarde teremos por força de contar. *Não podemos ter nenhuma segurança, nenhuma confiança nas sympathias ou nos bons sentimentos das outras nações* (sempre lh'o vae dizendo, e, como se vê, sem circumloquios nem rodeios), apesar de toda a honra que lhes possâmos prestar, apesar de todo o reconhecimento que possâmos ter pelas sympathias, que elles nos teem manifestado; *não podemos ter nenhuma segurança diferente da que reside na efficacia da nossa defeza e na força do nosso braço direito.*»

Aqui está o que é bem explicito, e o que se pôde chamar uma advertencia de duas pontas, voltada uma para a Inglaterra, outra para as nações do continente. A' Inglaterra diz que conte unicamente comsi-go mesma, que não acredite em ninguem, que se não fie em sympathias ostensivas, nem em manifestações de bons sentimentos, porque, os que affectam hoje ser os seus melhores amigos, *não lh'a pregam na menina do olho* (perdê-se-nos o plebeismo) só se não puderem! A's nações da Europa, e um pouco, tambem, á sua irmã da America do Norte, assevera-lhes... que bem as conhece, e que a respeito de amizades, de bons officios, de alianças, duplas, triplas e quadruplas, as unicas em que deposita fé, são o seu exercito e a sua marinha, que vae aumentar quanto antes, preparando-se para todas e quaesquer eventualidades.

Chama-se a isto falar claro. E para quem fôr ainda insufficiente toda esta clareza, lord Salisbury acrescenta:

«Uma d'essas extranhas correntes, que varrem o oceano da politica internacional, poderia unir todas as potencias offensivas, que diariamente se acrescentam e fortalecem, e lançal-as como uma grande vaga contra as nossas praias. Não quero pintar o futuro com sombrias côres; não aconselho o desespero; *mas insisto na necessidade de tomarmos as nossas precauções a tempo.*

«Isto não é uma questião de sentimento; é o espectáculo do acrescimo gradual do poder aggressivo de todas as grandes nações; é o espectáculo das tentações de augmentar esse poder; *são os territorios de que esse poder pôde dar a possessão e que tendem cada vez mais a depender das eventualidades de uma guerra.* (Ah! Lourenço Marques! Ah! Moçambique! Ah! Nyassa! Ah! Zambezia!) Eis o que é preciso encarar. E' preciso não fechar os olhos á natureza do *perigo de que estamos ameaçados constantemente.*»

As nações não tem que allegar ignorancia. Chamberlain vem dizer-lhes que o Transvaal pôde considerar-se vencido; que aos dois Estados africanos vae ser arrancada para sempre a sua independencia; que no territorio por elles occupado, apesar da sua vastidão relativa, e da forte guarnição que por isso demanda, vae ser estabelecida uma duradoura occupação militar, o que não assusta a Inglaterra, apesar de não dispôr de recrutamento á europêa, e de ser relativamente diminuta a força do seu exercito. E lord Salisbury encarrega-se de completar estas informações, na parte que mais directamente as interessa.

Não é ás nações pequenas, ás nações decadentes, que elle d'esta vez se dirige, como d'outras vezes tem feito. Agora, fala

com a França, com a Russia, com a Allemanha, com a Italia, se fôr preciso, e com os proprios Estados Unidos, tornados á ultima hora seus amigos bastante incertos. São estas as potencias offensivas, que estão crescendo e augmentando de poder, em cada dia; são estas as que podem de algum modo colligar-se, arrojando-se como uma vaga impetuosa contra a Carthago moderna.

Pois que venham, que se juntem, que se arremessem! A Inglaterra previu a hypothese, por mais extranha que ella parecesse, e vae prevenir-se contra ella. Jogo franco, e cartas na meza. Lord Salisbury diz-lhes o que d'ellas pôde esperar; e ao mesmo tempo lhes diz, lealmente, o que podem esperar, tambem, da Inglaterra. E' o vil-o-o:

«Como grande potencia maritima, a Inglaterra occupa uma situação especial. As grandes potencias militares do continente, dispondo de vasto territorio, teem soffrido as vicissitudes da guerra; o inimigo tem muitas vezes desembarcado n'esses paizes, e, no entretanto, ellas mantiveram-se fortes, e ainda mesmo mais fortes depois das suas provações.

«Tendes, por ventura, a certeza de que o mesmo succederia se alguma vez fosse Londres o theatro de taes vicissitudes? Lembrae-vos do que aconteceu á Hollanda, á Hespanha, a Veneza, do que aconteceu, na antiguidade, a Carthago e a Tyro.

«Não foram os desastres nas provincias ou nas colonias remotas, que paralyzaram ou mataram essas grandes potencias maritimas; foi, de cada vez, o golpe que lhes vibraram ao coração.

«Eis a lição, que a Inglaterra não deve esquecer: vibrassem-lhe um golpe ao coração, e acabaria a sua historia.»

\*  
\*  
\*

Para concluir, lord Salisbury entrou n'um pormenor, verdadeiramente de *modus faciendi*, que bem mostra qual a lição, dada pelas duas republicas africanas, tanto á Inglaterra, como aos outros povos, sobre o systema de guerra defensiva, que a todos elles mais convêm.

A tactica do combate, e fóra d'essa, a grande tactica de defeza applicada a uma vasta região contra a marcha aggressiva de um exercito numeroso, vae soffrer, em toda a parte, consideraveis modificações depois de finda a presente guerra. Sabe-se que, junto do governo boer, acompanhando os movimentos do seu exercito, e seguindo e estudando o seu systema de combate, estão numerosos addidos militares, enviados officialmente pelas principaes potencias. Todas reconheceram, com tempo, o que ali havia a aprender. Nós é que não tivemos nem uma simples desconfiança de quanto uma nomeação d'essas, rachando em officiaes competentes, nos podia ser proveitosa!

E' que n'este bom paz, de sciencia inata e infusa, tudo se sabe... de nascença, e ninguem precisa aprender! Isso é bom para os russos, para os allemães, para os italianos, para os francezes, os quaes, a alguns dos nossos sabios, ha de affigurar-se que menos sabem, quanto mais estudam e vêem, tão dispostos estão sempre a estudar e vêr!

Voltemos, porém, ás conclusões apresentadas pelo marquez de Salisbury, as quaes, para a especialidade dos nossos leitores, e para a indole da presente publicação, teem um interesse particular, por onde se recommendam. Disse elle:

«E' fóra de duvida, que temos a nossa



marinha, a qual bastará para nos defender; mas não nos será preciso pensar, também, na defeza do territorio nacional propriamente dito?

«Os inglezes, certamente que não accitariam a conscripção; nenhum soldado vale o soldado inglez; mas, em caso de necessidade, precisamos ter homens em numero sufficiente para repellirmos toda a aggressão. *A questão está em saber como é que a população masculina do paiz poderia ser empregada na protecção do imperio.*»

«Não desejo que a segurança do paiz dependa de uma eventualidade de insuccesso vinda d'este lado; mas a *Primrose League* (Liga da Primavera) pôde, em todo o paiz, crear sociedades de tiro. *E' indispensavel que o ensino do manejo da espingarda de guerra seja posto ao alcance de todos os habitantes da Inglaterra*, sem occasionar deslocamentos, perdas de tempo e de dinheiro.

«Pertence á *Liga* emprender uma cruzada para fazer comprehender á população que é preciso sermos uma nação armada e preparada, como o é, por exemplo a nação suissa.»

Lord Salisbury pensou, mas não o disse: *como vimos, e como aprendemos á nossa custa, que o é a nação boer.*

De proposito sublinhámos algumas das affirmações mais características e mais importantes d'estas conclusões. Dizem ellas, o que a Inglaterra, uma grande, uma fortissima nação, tem de aprender, e precisa fazer, na hypothese de uma coalisão de potencias, finalmente affrontadas e exasperadas pela extensão do seu orgulhoso poderio; hypothese remota, a qual antes de vir a ser realisada tem a Inglaterra mil expedientes para afastal-a de si.

Ora, quanto mais do que a Inglaterra, não precisa aprender n'estas lições, e seguir os mesmos conselhos, uma nação pequena, ameaçada a toda a hora de ser humilhada e aggreddida pelas impertinencias da força, ou até pelas ambições inquietas de algum cubiçoso visinho?

Isto é com as nações pequenas, que tem nervos, que tem fibra, e que não estão dispostas a ceder perante arrogancias de fortes, á primeira intimativa.

Não é comnosco, bem entendido. Aqui, entre os que nos tem dirigido e se preparam para nos dirigirem ámanhã, há muito quem esteja convencido de que não precisamos mais do que da simples *coragem de sermos fracos*, e do bom juizo de nada tentarmos com o fim de deixar de sel-o, para estarmos, por nossa propria natureza, perfectamente defendidos. Em vindo a onda, é baixar a cabeça, e deixal-a passar por cima.

O povo portuguez tem hortas, tem arrayacs, tem procissões, tem corridas de touros, tem romarias. O que mais precisa? Não sabe lêr, nem escrever, nem contar. Vae para onde o mandam. Tem, pois, a sua tranquillidade pessoal, e a sua independencia nacional, magnificamente garantidas! Pôde dispensar *carreiras e sociedades de tiro*. Seria até uma imprudencia pôr-lhe nas mãos a espingarda de guerra. Pegar em armas de fogo?! Que perigo!

Mas não insistámos em cousas tristes. A' *Associação dos Atiradores Civis Portuguezes* diremos simplesmente: Seja a nossa *Primrose League!* Prosigá na sua tarefa; não desanime na cruzada que enctou; préque o desenvolvimento do tiro nacional, pela palavra e pelo exemplo;

combata energeticamente a rotina; vença preconceitos e indolencias; acorde, finalmente, para as obrigações de cuidar na defeza da patria, aquelles que nos dirigem.

E enquanto ás basofias de Chamberlain, digâmos, até mais vêr, que elle está vendendo já a pelle do urso, sem se lembrar que este não foi caçado ainda.

FERNANDES COSTA.

## TIRO

### União dos Atiradores Civis Portuguezes

Parte official

#### Conselho gerente

ACTA n.º 12

Sessão em 30 de abril de 1900

Sendo 8 1/2 horas da noite, foi aberta a sessão, na redacção do *Tiro Civil*, sob a presidencia do sr. dr. Cunha Bellem e estando presentes os srs. Anselmo de Sousa, Eduardo de Noronha, Pedro José Ferreira, Vieira da Silva, Gil Dias, Ignacio Franco e J. Fraga Pery de Linde, secretario.

Não houve correspondencia.

Lido o projecto de programma para o concurso de campeonato escolar, elaborado de accordo com s. ex.ª o director da carreira, foi o mesmo projecto approved, sem discussão, na generalidade e na especialidade, e mandado baixar á commissão executiva, para que d'elle dê conhecimento a s. ex.ª o ministro da guerra, solicitando a sua approvaçào.

Resolveu-se tambem:

1.º — Que o jury do concurso de campeonato escolar seja composto de cinco membros.

2.º — Que tres d'esses membros sejam o sr. presidente da camara municipal de Lisboa, o presidente do conselho gerente e o da commissão executiva da União.

3.º — Que se solicite de s. ex.ª o ministro da guerra a nomeaçào de dois officiaes do exercito para membros do mesmo jury.

4.º — Que o guião do campeonato, premio de honra do mesmo concurso, tenha o distinctivo da União e seja das dimensões dos guiões dos corpos de infantaria do exercito, com laço das côres nacionaes, tendo inscripta a divisa da associaçào.

5.º — Que o presidente do conselho gerente, e os vogaes do mesmo que o possam acompanhar, vão solicitar de Sua Magestade El-rei a honra de assistir ao concurso.

O sr. Noronha, recordando o que o artigo 42.º dos Estatutos allude a um contracto entre a União e o proprietario do *Tiro Civil* para que este periodico seja o órgão official da União, ponderou que, na realidade, esse contracto tem sido apenas um encargo para o proprietario do referido periodico, sem compensações de especie alguma, propondo por isso que a União tome um certo numero de assignaturas do *Tiro Civil*, para as fazer distribuir por diferentes associações nacionaes e estrangeiras.

O sr. presidente, associando-se plenamente a esta proposta, n'aquillo em que accentua o principio de que é indispensavel compensar, de fórma que nunca poderá deixar de ser insufficiente, os relevantes serviços prestados á causa do tiro nacional pelo alludido periodico, disse que o assumpto era de natureza a não poder ser resolvido sem accordo com o proprietario do *Tiro Civil*, propondo por isso que o sr. Noronha e o secretario do conselho fiquem munidos de plenos poderes para combinarem esse accordo, sem dependencia de nova resolução a tal respeito e dando-lhe validade desde o principio da epocha.

Esta proposta foi approved por unanimidade, não tomando parte na votaçào o sr. Anselmo de Sousa, que sahira da sala desde que o assumpto começára a ser tratado.

O sr. Anselmo de Sousa communicou os trabalhos iniciados para a formaçào, em Leiria, Almeida, Torres Vedras e outras localidades, de grupos de atiradores civis, e pediu que a commissão executiva fosse auctorisada a elaborar um projecto de regulamento applicavel áquelles d'esses grupos que acceitem uma constituição normalisada pela da União e como filiaes d'ella.

Referiu-se tambem, especialmente á proveitosa iniciativa do sr. Honorato Alfreido Estrella, capitão do regimento de infantaria n.º 7, para a formaçào em Leiria de uma associaçào de atiradores civis, e propoz que a União proclamasse seu socio honorario o referido official.

O sr. presidente applaudiu os esforços do sr.

Anselmo de Sousa para a generalisaçào da idéa de se formarem no paiz grupos de atiradores civis e propoz que se fizesse por acclamaçào a proclamaçào, como socio honorario, o sr. capitão Estrella.

Assim se resolveu, sendo tambem dada á commissão executiva a auctorisaçào pedida pelo sr. Anselmo de Sousa.

O sr. Vieira da Silva referiu-se á frequencia de desastres occorridos em carreiras de tiro, por occasião de exercicios de fogo, e advogou a necessidade de para esses factos se chamar a attenção do sr. ministro da guerra.

O sr. Anselmo de Sousa respondeu ao sr. Vieira da Silva que, conjuntamente com o sr. Noronha e o secretario do conselho, havia já tido uma conferencia com o sr. ministro da guerra, em que o primeiro assumpto tratado fóra justamente aquelle a que s. ex.ª se referia, prometendo o sr. ministro da guerra fazer communicar á União, para que esta os tornasse publicos, os relatorios officiaes, e ainda em elaboraçào, sobre a averiguaçào das causas determinantes d'esses desastres.

Communicou mais o sr. Anselmo de Sousa que, na referida conferencia, o sr. ministro da guerra concedera licença para que os officiaes do exercito que pertencem á União possam assignar a representaçào que ella vae enviar ao parlamento; e que resolvera estabelecer para os nossos socios e alumnos, o preço uniforme de 20 réis por cada cartucho, k<sup>m</sup>/86 ou Mannlicher, gasto em exercicio na carreira.

O sr. Vieira da Silva declarou-se satisfeito com as explicações do sr. Anselmo de Sousa e o conselho, por proposta do sr. presidente, resolveu, unanimemente, consignar na acta, com o merecido reconhecimento, um voto de congratulaçào por mais tantas provas da benevolencia do sr. ministro da guerra para com a União e do alto interesse que s. ex.ª dedica á patriótica instituçào do tiro nacional.

Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão ás 11 horas da noite.

O Secretario do Conselho

J. Fraga Pery de Linde.

#### Relaçào nominal dos alumnos, que segundo o programma se encontram habilitados a concorrer ao Campeonato Escolar

Numero de matricula, n.º mes e escola a que pertencem os alumnos

- 46, F. de Sousa Baptista, E. I. Marquez de Pombal.  
 56, F. Miguel Pereira, idem.  
 58, M. Gaspar Ruas, idem.  
 61, J. Augusto Paes Pereira, idem.  
 65, J. Manuel, idem.  
 68, A. Pinto de Sousa Junior, idem.  
 73, Francisco dos Santos, idem.  
 74, V. M. de Sousa Bello, idem.  
 75, C. Silverio Pereira, idem.  
 474, Raul dos Santos, idem.  
 457, A. M. Ribeiro Batalha, Collegio Arriaga.  
 458, E. S. Stokler Brandão, idem.  
 459, A. Leite da Gama, idem.  
 460, G. Moniz Vargas, idem.  
 464, V. de Sousa Ganho, idem.  
 471, A. de Noronha S. de Castro, idem.  
 473, P. de Sousa Leal, idem.  
 378, J. Pires Correia, E. de Commercio.  
 382, L. A. d'Oliveira Franco, idem.  
 386, A. do Amaral, idem.  
 391, J. Emygdio Faria, idem.  
 397, I. A. Cardoso da Cun a, idem.  
 398, H. A. Mourato Vermelho, idem.  
 452, F. Santos Costa Junior, idem.  
 484, L. Antonio Folhas, E. I. Afonso Domingues.  
 485, Emygdio Nobre, idem.  
 492, Antonio Rufino, idem.  
 494, S. Rodrigues, idem.  
 495, A. G. Simões Rosa, idem.  
 498, A. José Leite, idem.  
 306, A. C. de Sousa Pacheco, Lyceu Central.  
 319, F. Gonçalves Diaz, idem.  
 328, J. da Cruz Viegas, idem.  
 333, J. N. da Costa Santos, idem.  
 347, V. G. da Silva Vieira, idem.  
 128, A. F. Pereira Carneiro, E. Polytechnica.  
 165, R. de M. C. d'Almeida d'Eça, idem.  
 192, R. Conçalves Dias, idem.  
 195, F. José de Barros, idem.  
 420, Joaquim Nunes, E. I. Rodrigues Sampaio.  
 432, L. R. V. Liberato Frasaõ, idem.  
 438, A. Guerreiro Esteves, idem.  
 444, J. dos Santos Costa, idem.  
 85, Joaquim Freire, Collegio Nacional.  
 90, Francisco do Rego, idem.  
 95, Dyonisio Ferreira, idem.  
 271, C. Q. Travassos Lopes, I. 19 de setembro.  
 288, A. Felix Simões, idem.



296, Carlos Dias, idem.  
407, F. Cabral Paes, I. d'Agronomia.  
417, J. de E. Menezes e Vasconcelos, idem.  
418, J. Joaquim Marques, E. Normal.  
120, J. Vicente Barata, idem.  
365, P. D. de Sequeira e Silva, I. Industrial.  
443, J. A. F. Campos Gião, idem.  
238, C. Sanches Ribeiro, Real Casa Pia.  
245, J. Francisco Calhabes, idem.  
36, J. J. P. S. de Faria Pereira, Lyceum Polytechnico.  
233, T. de Lacerda Marques, A. Bellas Artes.  
479, A. Pires C. David, A. Commercial.

### Leiria

No domingo 6 foi a primeira sessão de tiro, na carreira regimental d'esta localidade. Estão matriculados 44 individuos que já receberam a competente instrução preliminar de tiro, ministrada pelo sr. alferes Pedro de Moraes Rosa, digno official de tiro e armamento, o que é magnifico para o aproveitamento, instrução que muita falta faz em Lisboa.

N'esta primeira sessão compareceram 27 atiradores que tiveram na totalidade a percentagem de 69  $\frac{1}{10}$ , o que é magnifico.

Cabem aqui os maiores clogios ao sr. capitão Estrella e ao sr. alferes Roza pelo patriótico serviço que estão fazendo.

No proximo numero, porque nos falta o espaço n'este, trataremos da carreira de tiro de Leiria e sua fundação.

### Bragança

Do nosso collega *O Nordeste* de 9 do corrente.

Inscreveram-se para exercitar-se na carreira de tiro d'esta guarnição, que se abrirá logo que haja numero sufficiente de individuos, os seguintes srs.:

Olympio Dias, Manuel Sepulveda, Silva Barretto, Julio Rocha, dr. Eduardo Faria, Abilio Soeiro, Albano Costa, José Pinto e Bernardo Sepulveda.

Felicitamos o povo de Bragança por novamente se dedicar a tão patriótico exercicio.

### Hespanha

Dizem-nos de Madrid: realisou-se em casa do general Suárez Juclán uma importante reunião a que presidiu o dono da casa, e em que, com muito calor, se tratou do engrandecimento da *Sociedade de Tiro Nacional*.

N'esta reunião o sr. presidente disse que uma comissão nomeada pela sociedade procurara e se entendera com os srs. ministros da guerra, governação e fomento da qual tinha resultado magnificas e bellas impressões do sr. presidente do conselho e mais ministros, porque elles consideravam altamente patriótica a educação de tiro nacional.

Resolveu-se estabelecer premios e recompensas para os vencedores dos torneos, consistindo estes em geral em medalhas e diplomas para todos os atiradores, os premiados e diplomados terão o direito de escolher o corpo do exercito, para que, quando chamados ao serviço militar, vão sentar praça, terem seis mezes de licença, não temem serviços de fachinas e um anno menos de serviço na segunda reserva, isto com respeito ao serviço militar.

Pelo lado civil, a redução do preço de matriculas e mais diplomas academicos, como premios aos estudantes que se distinguem no tiro.

N'esta reunião foram approvados os estatutos sendo introduzidas algumas modificações, havendo socios protectores, de merito, honorarios e ordinarios; para que a associação tenha caracter popular, estabeleceu-se a quota mensal de uma peseta.

As carreiras de tiro e armamento estão sob a vigilância do posto de guarda civil mais proxima.

A idade de matricula dos socios é de dezasseis annos, para o exercicio de tiro. Organizar desde já o estabelecimento de novas sociedades pelas provincias.

Ficou assente que n'este mez, maio, se reúna em Madrid uma grande assembléa para a qual serão convidadas todas as sociedades que possam contribuir para os patrióticos fins que se tem em vista.

## CAÇA

### A caça e a lei

Na minha insignificante opinião, as leis e regulamentos em vigor attinentes á caça não satisfazem plenamente.

No codigo civil portuguez encontram-se judiciosas disposições que devem ser mantidas inquestionavelmente, mas outras alli se vêem que a jurisprudencia moderna e a pratica de mais de trinta annos mandam antiquar.

Explicuem-nos:

O art.º 384.º dá ás auctoridades administrativas a facultade de determinarem o modo e tempo da caça, o que equivale a auctorisar que a mesma se exerça n'um conchelo ou n'um districto em certo tempo e por certa fórma, e n'outro districto ou conchelo se pratique em tempo e de modo bem diversos.

Ora isto não é, com certeza, o que se pretende e tem pedido com tanta vontade e insistencia, nem o que convem aos caçadores.

Está uberrimamente conhecido que, no continente do reino, a abertura e encerramento da caça devem dar-se simultaneamente em toda a parte; portanto a necessidade d'uma lei que o determine é coisa que se impõe sem demoras nem hesitações.

Conhecemos perfeitamente a idéa que produziu o art.º 384.º do codigo civil e não seremos nós quem ouse condemnal-a, que isso não merece ella; mas o que é certo é que em tempo nenhum se tem aproveitado para o effeito da sua verdadeira accepção; antes pelo contrario, em vez de protecção á caça e á agricultura, que é justamente o que significam as palavras *conformando-se com os regulamentos administrativos que determinam o modo e tempo da caça*, que se têm citado no artigo, temos visto permitir-se, por meio de posturas municipaes, caçar no tempo em que a caça se occupa mais accendidamente com os seus ninhos, e as sementeiras e plantações mais necessitam que as preservem de mal que das caçadas lhes advem.

O sr. Franco Frazão, querendo referir-se a isto, sem duvida, diz, para justificar um dos motivos que o levaram a apresentar ao parlamento o seu projecto:

«Por isso, em quasi todos os paizes da Europa, com excepção talvez de Portugal e da Turquia, existem leis codificadas sobre a caça que abrangem os preceitos juridicos e administrativos que regulam o assumpto.

Entre nós é actualmente o direito de caçar regulado pelo codigo civil, codigo administrativo, regulamentos districtaes, posturas municipaes, codigo penal e leis de processo respectivo.

Esta multiplicidade de leis, augmentada sobretudo pela variedade das posturas municipaes, torna difficilissimo o conhecimento da legislação sobre a caça, e embaraça extremamente a sua fiscalisação. Um effeito mais grave ainda produz o estado cahotico da nossa legislação e a liberdade absoluta, verdadeiramente anarchica com que se exerce o direito de caçar, é o desaparelhamento gradual da caça que toma proporções assustadoras.

Estes factos são conhecidos geralmente, e por isso bastará relembral-os, dispensando-nos de longos commentarios.

Será bastante dizer que um dos pontos mais graves n'este assumpto, como é a duração do defezo, está sujeito ás mais incomprehensíveis variedades. Assim, por exemplo, a abertura da caça no conchelo de Elvas é no dia 30 de junho, e no conchelo de Campo Maior, que lhe está visinho, é em 15 de agosto!»

E limitou-se o sr. Franco Frazão, a dizer pouco, muito pouco, em abono da grande necessidade da codificação e remodelação das leis e regulamentos sobre caça; sua ex.ª se quizesse, podia apresentar um rozaio de *defezos* de diversa durabilidade, como podia apresentar tambem *lebrices* como a que vamos divulgar, introduzida em certo regulamento de caça pelo genio *liberal* de certo caçador, senhor de bellos galgos e pechote na arte de apontar, que, legislando em proveito proprio, não queria que os caçadores de perdiz matassem as lebres a tiro, para que sua ex.ª, mais á farta, com ellas se regalasse.

Eil-a, a tal lebrice, que, para ter mais graça, damos de mistura com outras disposições que a precediam no tal regulamento que, valha a verdade, nunca ninguém respeitou na parte que mais sua ex.ª desejava que fosse observado:

«Art. . . A caça da lebre, coelho, perdiz e codorniz, só poderá effectuar-se pelos seguintes modos:

- 1.º A da perdiz e codorniz a tiro, com cães de mostra;
- 2.º A de coelho a tiro, ou com cães e furão;
- 3.º A da lebre sómente com cães e galgos.»

Iremos demonstrando, pouco a pouco outros defeitos das leis e regulamentos actuaes sobre a caça e provaremos com a maior facilidade que os coutos que tanto se combatem, são desde ha muito permittidos por essas mesmas leis e regulamentos. Estudem bem os interessados todas as leis existentes sobre caça, confrontem-as com o projecto modificado pelo Club dos Caçadores e digam nos depois se continuam a insistir no protesto contra todas as disposições d'esse projecto que, depois de convenientemente modificado, tanto se necessita que seja convertido em lei.

Porto, abril de 1900.

B. DE SÁ.

### A lei da caça

Sob esta epigraphie insere a *Estrella Povoense* da Povoia de Varzim, em o numero de hontem, um artigo contestando o nosso, publicado no *Tiro Civil* de 15 de abril.

Vou replicar, tão resumidamente quanto m'o permitem o pouco tempo e o espaço de que posso dispor por agora.

Disse e repito — porque o testemunho de muitos caçadores e a minha propria observação o comprovam — que as creações das codornizes se podem considerar feitas no sul do paiz desde 20 de junho.

Tive d'isso a prova duas ou tres vezes que fui á Caldeira, por desfastio e por muito instado.

Uma das vezes — creio que em principios de julho — já tivemos que as ir procurar mais para o norte, afirmando os caçadores d'alli que ellas vão emigrando em tal direcção á medida que as creações se completam ou talvez por lhes irem escasseando no sul certas condições especiaes.

Seja porque fôr, o que é certo é que apenas uma vez lá vi umas duas ou tres codornizes novas, d'essas que mal podem voar, o que, a meu vêr, não constituia mais que excepção, ainda mais rara que a de coelhas em *estado interessante* no mez de fevereiro, mez em que já se estraga muita criação, como já disse algures, e mez que ninguém ainda se lembrou de incluir no defezo, pelo menos para esta especie e principalmente aqui no sul.

Já vê o meu illustre contradictor que não pôde, pelo que vê lá no norte, tirar corollarios para o sul, onde as condições climatericas são um pouco diferentes, podendo dar azo a começar mais cedo e acabar respectivamente mais cedo a época da caça.

Mas ha um inconveniente que já tive occasião de apontar, apesar de «insoffrido gulotão»: é que em agosto e setembro muita caça se estraga com o calor.

Ora mata-la para não a aproveitar, depois de grandes caminhadas e ralações e debaixo d'um sol ardente que nos torra, devia encaminhar muito naturalmente os animos para que a abertura tivesse logar no meiado de setembro ou principio d'outubro.

Pois é um «destruidor da caça» que já disse isso.

Todo o mez d'abril se tem caçado ás codornizes no conchelo da Azambuja; se chocas ou não, não sei, porque apesar de «gulotão» ainda lá não fui.

Aprecio muito os passeios venatorios, mas não para matar caça a torto e a direito, como nem tão pouco para não dar um tiro.

Para mim a caça mais importante são coelhos, perdizes e lebres; toda a outra é de valor secundario; para as tres primeiras especies é que em geral vejo pedir a maxima protecção.

Mas se quizerem estender a sua compaixão até aos pardaes, milhafres e rapozas, não serei eu que os estorve.

Eis *provado* porque *pucho a brasa á minha sardinha*, sem *deferencias nem attentões* pelos *collegas do norte*.

J. M. DE GOUVEIA.

### O projecto de lei

E' relator do novo projecto de lei o sr. dr. Barboza Magalhães, o projecto foi discutido na commissão administrativa da camara dos srs. deputados em sessão de 11, ás 10 horas da noite.

No dia 10 foi ao ministerio das obras publicas uma commissão composta dos distinctos caçadores e nossos estimaveis assignantes os srs. Domingos Pinto Bar-



reiros, visconde de Castello Novo, e o distincto caçador e publicista nosso collega e amigo Zacharias d'Aça. O fim da commissão foi entregar ao sr. ministro das obras publicas, uma representação com perto de 400 assignaturas chamando a attenção do sr. ministro a favôr do projecto da lei de caça.

Como a sr. Elvino de Brito não estava, foi recebida pelo sr. dr. Megre.

A camara municipal de Louzada fez apresentar á camara dos srs. deputados uma representação pedindo a approvação do projecto de lei de caça. Foi apresentado pelo deputado da localidade o sr. Campos Henriques.

### Associação dos Caçadores Portuguezes

As localidades onde esta associação auxiliada pelas auctoridades e seus consocios residentes, organiso o serviço do *defeso* são os seguintes:

Cadaval, Cezimbra, Seixal, Grandola, Lourinhã, Alcochete, Arruda, S. Thiago do Cacem, Setubal, Sobral de Monte Agraço, Torres Vedras, Santarem, Coruche, Rio Maior, Cartaxo, Caldas da Rainha, Leiria, Obidos, Peniche, Evora, Salvaterra de Magos e Benavente.

Para occorrer ás despesas mais urgentes do *defeso* votou esta Associação, como já dissemos, a quantia de 1:000\$000 réis.

O administrador do concelho de Coruche, regeitou a verba que a associação lhe offercera para gratificar os guardas que mais se distinguiram no serviço do *defeso*.

Foram gratificados com 10\$000 réis as praças da guarda fiscal Manuel Fernandes d'Oliveira, José Mattos Junior, Antonio e Antonio da Conceição que capturaram alguns caçadores, apprendendo-lhe as armas e caça que traziam, tendo havido troca de tiros para effectuarem a prisão, isto ao pé de Campo Maior.

Apontamos como benemeritos aos verdadeiros caçadores o sr. dr. Joaquim de Sousa Leal, que em Evora tem sido incansavel para que o *defeso* se cumpra; pena tem sido que não encontre nas auctoridades a coadjuvação que merece; o nosso assignante o sr. João Guilherme Pastoria Pereira, de Benavente, que tem procedido por igual fórma e o sr. Estevão Augusto d'Oliveira, que bizarramente offerrece á associação nove dos seus serviços para zelarem o *defeso* da caça nas seguintes regiões: Camarate, Esteio do Bacalhau, Junqueira Gôrda, Paul da Valla, Portas Novas, Frades de Baixo, Frades do Meio, Frades de Cima, Valle do Porco e Amoreira.

### Club dos Caçadores, do Porto

Reuniu em a noute de 29 de abril a assembleia geral d'este prestimozo Club e approvou o relatório e propostas da direcção, elegendo em seguida os novos corpos gerentes.

Assembleia geral: Presidente, João Henrique Andresen;

Vice-presidente, Pedro da Fonseca;

1.º Secretario, J. T. Pinto de Figueiredo;

2.º Secretario, Albino Guimarães.

Commissão de contas: Antonio Julio Pinto da Fonseca

Antonio Pedro Augusto da Costa

João Dias Alves Pimenta.

Direcção: Presidente, Ernesto Vianna;

Vice-presidente, Dr. Pedro J. Ferreira;

1.º Secretario, A. Baptista de Sá;

2.º Secretario L. F. Coelho de Mello Mexia;

Thesoureiro, Manuel Alves de Freitas; Vogaes:

Antonio d'Almeida Barros,

Antonio Manoel Corrêa,

Dr. Carlos Azevedo Albuquerque,

João José de Brito F. de Mendonça,

José Heitor Antunes,

Manoel da Cunha Lima.

Entre outros assumptos approvou para socios honorarios, sob proposta da direcção, os srs. Dr. Jayme Ribeiro, ex-presidente da direcção, e o nosso collega e amigo José Joaquim da Silva Graça, director de «O Seculo».

No concelho d'Elvas começou o *defeso* no dia 15 de março e termina no dia 30 de junho! sem comentarios...

— No dia 14 do corrente mez quatro praças do posto fiscal de Monforte, secção de Arronches, capturaram dois individuos que andavam caçando com outros n'aquelle concelho, e um dos quaes resistiu á captura, disparando um tiro contra as ditas praças, sendo entregues na administração d'aquelle concelho, com armas petrechos de caça e as peças de caça que já tinham sido mortas.

Consta-nos que os restantes individuos que se tinham posto em fuga, já estão entregues á prisão por denuncia dos que primeiro foram capturados.

De *O Elvense* de 22 de abril proximo passado. — Em 30 de abril findo, deu entrada na administração de Mafra um requerimento de 6 individuos proprietarios no sitio *Costa da Moucheira ou Trovisca*, pedindo licença para extermar os coelhos, por qualquer fórma, por isso que lhe devastam as sementeiras e as vinhas!

No tempo da caça, isto é, antes de 1 de março dizia-se que já não havia onde caçar; agora, como por encanto, surge uma praga de coelhos. Se os proprietarios tem annunciado nas gazetas antes da veda a fartura que tinham, que bellas caçadas e como elles estariam livres da praga.

### Zacharias d'Aça

No proximo numero publicaremos a continuação do artigo d'este primoroso escriptor: *O mestre José Maria da Silveira* (o Saloio).

### Escola Nacional de Esgrima

Recebemos e agradecemos os convites para o grande torneio que se effectuou no sabbado 12 do corrente; pelo seu brilhantismo damos os nossos parabens ao distincto mestre d'armas o nosso amigo sr. Antonio Martins.

No proximo numero fallaremos do torneio, o que não fazemos agora por absoluta falta de espaço.

## MUSICA

### Coisas d'arte

XI

(A um amigo que vive em Africa)

Quando no outro dia recordava á tua memoria os perfis amados de duas pianistas de eleição quizera eu falar-te de outra que iria em breve ouvir no salão Sasseti, mas era tarde para fazel-o, e nem o formosissimo espirito que ali nos teve a todos entusiasmados e commovidos por espaço de quasi duas horas, é d'aquelles de quem podesse occupar-me n'um simples *post-scriptum*. Seria injusticia insigne e desprimor alvar, que a gentil Amelia Costa não merece. Por isso eu, embora a distancia já do seu concerto, antes preferir vir agora referir-me a elle do que fazel-o á pressa no final de uma carta ligeira.

A novel e já muito illustre pianista não carece dos meus encomios de ignorante, pois que pertence ao restricto e privilegiado numero dos que tendo azas suas para voar e forças insitas para progredir na

propria consciencia encontram o estimulo, que aos outros advem do meio externo; sómente eu é que me julgeria diminuido perante mim mesmo se havendo-a religiosamente escutado e vibrantemente applaudido, não lhe dissesse agora em voz alta o que na occasião pensei e disse em voz baixa.

Sim, meu amigo, quando se chega em tão verdes annos, 16 creio eu, áquella altura de execução technica e de intuitiva arte, é-se por força alguém, alguém que irá longe, muito longe mesmo, tanto quanto lh'o permittam os meios de exteriorisação mechanica e as energias da saude pessoal. Mais ainda, Amelia Costa será das que por prodigios de talento saberá arrancar ás mais intimas fibras dos seus nervos e ás mais complicadas prégas do seu cerebro, motivos novos, e effectos imprevistos, se como é natural que venha a succeder, for ascendendo sempre na estrada que vem percorrendo, cheia de talento e de vigor...

Quem reproduz assim aquella assombrosa sonata de Beethoven; quem n'essas phantasticas paginas de Godard, que na 2.ª parte nos leu, simultaneamente sabe ser maviosa e forte, complicada e ingenua; quem finalmente na marcha á turca, em que ao motivo inicial de Beethoven veiu juntar-se a virtuosidade de Rubinstein, o que diz tudo, traduz no piano os infinitos cambiantes, as modulações sem conto de tal composição, e ainda nos maravilha com ineditos primores de interpretação e de poesia na fórma como nos cantou a melodia de Paderewsky, ou movimentou a fuga de Haendel: é bem um authentico e primacial talento, e pena será se as influencias deprimentes do *meio* lhe não permittirem que desabroche na plena exuberancia da sua abençoada seiva...

Pela parte em que como portuguez virei a beneficiar com a maior e mais fulgurante irradiação de qualquer das particulas de este todo chamado Nação, vivamente o desejo e anciosamente o espero.

E quando soar essa hora entre tantas ridente que marca o advento do sonho entrevisto, ao nome, prestigioso de Amelia Costa veremos reunir-se o não menos prestigioso nome do seu professor emerito o sr. Timotheo da Silveira, que n'esta disciplina amada terá a melhor de todas as consagrações, qual é a da perpetuação do proprio espirito n'um outro cheio de divina luz...

Quero crer que nada superior a isto elle ambicionará, e que assim se reputará plenamente compensado e absolutamente feliz — ou elle não fosse tambem um sincero e consciencioso artista...

\*

E porque não pretendo tornar-me fastidioso, não falarei do mero esforço physico empregado por essa franzina e delicada figurinha de creança, tocando, quasi sem repousar, trechos da mais exhaustiva intensidade, e tão pouco alludirei á qualidade e ao brilhantismo do som arrancado ao instrumento; tudo isso são pormenores que de direito pertencem aos profissionais, e eu não sou senão um pobre amator platonico que da musica outra cousa não conhece senão as divinas sensações que ella nos comunica ou nos desperta; mas permitto-me chamar a attenção de todos os que o sejam, pois affigura-se-me que na joven Amelia Costa não está apenas uma promessa gentil realisada em parte, e sim talvez o embrião potente de uma figura por varios titulos impressiva...



Devo concluir, amigo, mas não posso e não quero deixar de inscrever em especial registo o concerto de Sarti, onde pela primeira vez me parece se ouviram em publico as scenas tziganas «*Chansons de Miarka*», de Alexandre Georges, de um rhythm tão variado e tão captivante onde ha numeros como *le savoir, la pluie, Hymne des morts* que são verdadeiros achados.

E como descrever-te, amigo, o que foi essa linda e harmoniosa viscondessa de Almeida Araujo dizendo-nos na sua voz cariciosa e fresca o mysterioso canto valaquio? Escutal-a é um prazer para os olhos e uma fascinação para os ouvidos, e decididamente se ella fosse a obedecer aos nossos rogos ainda a estas horas estaria cantando...

Nota porém que igualmente tenho de falar-te d'essa inconfundivel e assombrosa *disease* que se chama M.<sup>me</sup> Sarti, a qual por um mysterioso poder de intuspecção divina, nos desvenda atravez do fio immaculado da sua voz etherea pedaços de regões ideaes onde certamente não existem senão seres de graça e de belleza, de amor e de bondade...

Elle abre a boca e logo todos nós ficamos na attitude exactiva de quem resa ou de quem communga, — enquanto dentro d'alma todo um novo clarão vae despontando e um nevoeiro mau se vae esvaindo...

Canta? Fala? Chora? Ri? Que sabemos nós? Sabemos só que ali nos tem presos de um encantamento raro e unico, e que ao seu mando até os mais inertes seriam, transfigurados, capazes dos maximos heroismos!

Ah! Divino condão que tem a musica que as proprias feras amansou outr'ora quando ellas desciam ao povoado e que hoje ainda em que por cá vivem, conseguem ao menos contel-as em respeito!

Não imaginas o que é a *Rieuse* vivida pela genial artista. Se quem a ouvir com *ouvidos humanos* ficar indifferente e insensivel, desconfia da integridade moral e mental d'esse incompleto ser, porque sem duvida a natureza se esqueceu de lhe dar ou coração ou cerebro — embora lhe fornecesse os outros miudos, fígado, pulmões, baço...

Ha uma certa melodia *dans les roses*, se bem me lembro, que dita por ella é todo um poema de lagrimas e de soffrimento, de infortunios e quasi da reivindicacões.

E affirmarem que a musica não pôde ser revolucionaria!

Como bem mal a conhecem aquelles que assim a detrahem!

Pozessem ámanhã defronte do publico mais rotineiro e mais socegado do mundo, meia duzia de creaturas cheias de seducção e de talento, com o segredo especial de se insinuarem nas mais reconditas dobras do nosso ser, — como tal é por exemplo o caso d'esta M.<sup>me</sup> Sarti de quem te falo — e sempre estou para ver amigo se dando-lhes tempo e espaço ellas não acabavam de levar atraz de si, subjugado e convertido, todo esse publico immobilizado e apathico, d'elle fazendo o que muito bem lhes aprobevesse...

Por isso no caso sujeito eu me limito a formular um pedido apenas.

Querida M.<sup>me</sup> Sarti, cante-nos sempre e muito; é a sua fórma de concorrer para a elevação moral da especie, e depois de uma d'essas religiosas sessões espirituaes em que a sua voz ensopada em lagrimas ou tocada de suavidade nos revela algum recanto do mundo real ou ideal, nós sentimos todos melhores e mais puros —

ou pelo menos — mais susceptiveis de arrependimento e de emenda...

Para concluir, um concerto da Academia onde especialisarei tres delicados numeros de Mozart, Gluck e Rameau que pela graciosa filigranna da melodia, e pelo rendilhado subtil da factura mereciam ter tido acolhimento mais caloroso do que em verdade tiveram.

Tambem aqui uma joven pianista de real valor e de sobrio estylo, D. Delphina Pinto mostrou na segurança da digitação e no bem trabalhado das phrases as incontestaveis e superiores aptidões naturaes, sabiamente cultivadas por um mestre sabedor e consciencioso como é Hernani Braga, que quanto a mim apenas tem um capital defeito — o condemnavel retrahimento a que voluntariamente quiz votar-se...

Ainda n'este concerto se fez applaudir com justiça o violinista Julio Cardona moço artista cheio de fogo e de confiança, que com certeza ama o seu instrumento com especial carinho e entranhado affecto, e que valeria a pena mandar lá fóra a algum centro de ensino intenso e de especialistas consagrados, pois ou muito me engano ou sairia do tocador admiravel embora desigual de agora — um grande professor de amanhã.

Se lhe falta escola sobra-lhe talento e as disposições sentem-se-lhe estuar lá dentro e com taes elementos é que se formam os mestres que por seu turno criam os discipulos...

Mas que pueril illusão a minha, imaginar que n'esta terra alegre de politicos e de *pseudo philarmonicos* alguém se importa ainda com outra musica que não seja — a da celebre cantata 27 nove fóra nada!

Pois está combinado, amigo, não falemos em coisas serias que, como sabes, de ordinario são coisas tristes...

AFFONSO VARGAS.

## VELOCIPEDIA

*União Velocipedica Portuguesa — Nova federação internacional — Corridas — Recordos — O «sport» na Suíça — Varias noticias.*

A commissão installadora da União Velocipedica Portuguesa, no intuito de ultimar, com a maior brevidade possivel, os trabalhos a seu cargo, e constituir em bases definitivas aquella associação, teve ultimamente trez reuniões, de cujos resultados vamos informar os leitores.

Na primeira, effectuada em 3 do corrente, a commissão assentou na escolha do emblema social, e depois de apreciar uma proposta de fornecimento, apresentada pelo sr. João Anjos, deliberou encarregar do mesmo fornecimento o industrial que se propozesse fazel-o em mais vantajosas condições de preço. Igualmente deliberou que os socios paguem os emblemas pela quantia que se fixar em harmonia com o referido preço de aquisição, e que se exija a restituição dos mesmos emblemas a todos aquelles que por qualquer motivo deixem de pertencer á União, entregando-se-lhes em troca a importancia recebida.

Tendo o sr. Emilio Segurado informado que era possivel ter de ausentar-se repentinamente de Lisboa, e por longo tempo, pelo que convinha providenciar de modo que não soffressem os trabalhos que na commissão tem a seu cargo, foi resolvido que, no caso de se dar essa ausencia, que a commissão profundamente sentiria, o sr.

Segurado fôsse substituido pelo sr. Alberto Carlos Calleya.

Outras deliberações se tomaram de character reservado, e por ultimo nomearam-se os seguintes delegados: — em Madrid o sr. Antonio Viada; em Leiria o sr. Joaquim Xavier de Oriol Pena; no Pará o sr. Eduardo Pinto da Cruz.

Em sessão de 7 do corrente foi apresentada pelo redactor d'esta secção a seguinte proposta, que foi unanimemente approvada:

«Tendo o ex.<sup>mo</sup> commandante do corpo de policia civil de Lisboa, conforme a imprensa noticiou, informado o mesmo corpo, em ordem de serviço, de que, reconhecendo a grande vantagem que do exercicio da bicycleta pôde advir ao serviço policial em geral, e á saúde e desenvolvimento physico das praças em particular, auctorisa com todo o prazer as referidas praças a fazerem uso d'aquelle genero de locomoção, quer durante o serviço, sendo com elle compativel, quer fóra d'elle, e que lhe será agradável saber que o gosto por semelhante exercicio attinge o maximo possivel do seu desenvolvimento;

Considerando que semelhante resolução do zeloso e illustrado funcionario policial, representa entre nós a primeira consagração, por parte das estações officias, da comprovada e indiscutivel utilidade pratica do cyclismo, e que ella contrasta, de um modo frisante, com a *mal vontade* que em Portugal os poderes publicos invariavelmente se tem comprizado em votar a esse moderno systema de locomoção;

Considerando que da utilização da bicycleta pelas praças do corpo de policia resultarão certamente apreciaveis vantagens para o serviço a seu cargo, como se tem reconhecido em França, Inglaterra e Estados-Unidos da America do Norte, onde existe ha muito a policia cyclista;

Considerando que a resolução alludida deve interessar a todos os cyclistas da capital, porquanto é de esperar que os agentes policiaes, desde que praticarem o cyclismo e reconheçam as suas vantagens, por elle se interessem, e assim, pela auctoridade n'elles delegada, façam manter e respeitar — o que até agora nem sempre succedia — os justos direitos dos cyclistas, tantas vezes aggravados, sobretudo por parte do vulgo ignaro;

Considerando finalmente que os fins principaes da «União Velocipedica Portuguesa» são, conforme o art. 1.<sup>o</sup> dos seus estatutos já approvados por esta commissão, «desenvolver e generalisar em Portugal o cyclismo, em todas as suas fórmas e applicações, e defender os interesses dos cyclistas», e que, n'estes dois pontos de vista, é indiscutivelmente digna de todo o apreço a resolução do ex.<sup>mo</sup> commandante do corpo de policia civil de Lisboa;

Por todo o exposto, tenho a honra de propôr-vos:

1.<sup>o</sup> Que seja lançado na acta d'esta sessão um voto de caloroso louvor ao illustre funcionario referido;

2.<sup>o</sup> Que na proxima reunião da assembléa geral, no corrente anno tem de substituir o congresso, s. ex.<sup>a</sup> seja proposto por esta commissão para socio honorario da União Velocipedica Portuguesa;

3.<sup>o</sup> Que no caso da presente proposta ser approvada, d'ella e da deliberação a seu respeito tomada se dê conhecimento ao ex.<sup>mo</sup> interessado.

Em seguida a commissão, por proposta do sr. Alberto Calleya, nomeou seu delegado em Saragoça o sr. D. Antonio Zapater, e resolveu adjudicar ao sr. João Anjos o fornecimento dos emblemas, por ser a sua proposta a mais vantajosa com respeito a preço, e pedir-lhe a maior urgencia na entrega da primeira encomenda dos referidos emblemas.

Na ultima sessão, realisada em 9, foram discutidos e approvados os regulamentos do Congresso e do Conselho permanente, e deliberou-se sobre assumptos de funcionamento da commissão.

A esta ultima reunião assistiu o sr. Luiz Trigueiros, delegado em Vianna do Castello, onde tem prestado relevantes e dedicados serviços á causa unionista. Pela presenca de s. ex.<sup>a</sup> foi lançado na acta um voto de congratulação.

\*

Está resolvida a fundação de uma nova



federação internacional destinada a substituir a «International Cycliste Association», cujo procedimento tem, n'estes ultimos tempos, provocado reclamações e censuras bastante justificadas. Esta resolução foi tomada em seguida á ultima reunião do Congresso da «International», em abril ultimo, pelos representantes da Belgica, da Suíça, da Italia, da America e da França. A nova federação, que se denominará «Union Cycliste Internationale», trará como consequencia a desappareição da I. C. A., que ficará reduzida a federações insignificantes no ponto de vista do sport internacional, pois alem dos paizes referidos, é quasi certo que a Allemanha tambem adherirá, o que importa contar a referida «Union Cycliste Internationale» com a adhesão de quasi todo o mundo cyclista.

A falta de espaço com que sempre lutamos, resultante da grande copia de assumptos a que esta revista tem de attender para de algum modo satisfazer as variadas predilecções dos seus leitores, obrigou o seu director a retirar do numero de 15 de abril a nossa chronica velocipedica, do que resultou ficarmos em atrazo no tocante aos acontecimentos sportivos da actual quadra. Diligenciaremos entretanto, como chronistas conscienciosos, remover esse atrazo, dando noticia, embora resumidas, de todos esses acontecimentos de maior importancia.

N'este intuito principiaremos pela corrida Paris-Roubaix, uma das grandes provas classicas francezas, effectuada no referido dia 15 de abril, e na qual tomaram parte moto-cyclistas e cyclistas, isto é, os musculos e o petroleo. A distancia de 262 kilometros, que decorre entre as duas cidades, foi percorrida por Baras, o vencedor em motocylo, em 3 horas 48 minutos, o que dá um andamento medio de 69 kilometros á hora. Quanto aos cyclistas, que para esta prova se inscreveram em numero de 19, o resultado final foi o seguinte:

- 1.º Bouhours em 7 h. 10 m. 30 s.
- 2.º Joseph Fischer em 7 h. 28 m. 25 s.
- 3.º Mauricio Garin, em 7 h. 49 m.
- 4.º Itswaire, em 8 h. 8 m.
- 5.º Lepoutre em 9 h. 6 m.

Foi pois Bouhours quem este anno alcançou a victoria á custa de uma encarnçada luta com o allemão Fischer, vencedor em 1896, e Mauricio Garin, vencedor em 1897 e 1898, e batendo por mais de uma hora o recordo, que estava na posse d'este ultimo corredor desde 1898.

No mesmo dia 15 correu-se no Parc des Princes, e na distancia de 1.333 m. 33 c. (duas voltas de pista) o Grand Prix da Paschoa, 4.º anno, em series, prova de precocagem, meia final e final, e com premios de 800, 300 e 150 francos. Os vencedores foram: — 1.º Eros, 2.º Momo, 3.º Bixio, sendo o tempo total 2 m. 33 s.  $\frac{1}{5}$  e o dos ultimos 333 m. 28 s.  $\frac{4}{5}$ .

Foram pois trez italianos os vencedores d'esta corrida, não obstante terem de disputal-a a adversarios como Jacquelin, Grogna, Meyers, Banker Huber e outras sumidades do pedal.

Egualmente na prova *Criterion de tandem*, corrida no mesmo dia e tambem na distancia de 1.333 m. 33 c. o vencedor foi o equipo italiano Bixio-Ferrari, em 39 s.  $\frac{2}{5}$  e os ultimos 333 m. em 23 s.

Estes triumphos são mais uma prova de que a Italia possui corredores de incontestavel superioridade.

Em 16 d'abril, n'uma corrida de 10 milhas com treinadores, Taylor percorreu esta distancia em 16 m. 18 s., sem um contratempo nem o menor exforço apparente. O 2.º classificado foi Baugé a 600 metros, o 3.º Joaquin, a 2 voltas e meia, e o 4.º Gougoltz a 3 voltas e um quarto.

Em 23 d'abril corrida internacional na distancia de 1.333 m. 33 c. em oito series quatro meias finais e final. Resultado: — 1.º Grogna, 2.º Bixio á distancia de uma roda, 3.º Tommaselli a meio comprimento. Tempo 3 m. 36 s.  $\frac{9}{5}$ .

N'esta prova foram batidos Jacquelin, Tommaselli, Meyers, Eros, Momo — todos, emfim, que mais brilhantemente se haviam affirmado nas provas anteriores, e o vencedor foi justamente o homem que ultimamente passára por uma verdadeira serie de derrotas.

A' precedente corrida seguiu-se no mesmo dia uma de tandems em igual distancia, sendo vencedores:

- 1.º Vanoni-Louvet;
- 2.º Jacquelin-Mathieu;
- 3.º Meyers-Tommaselli.

Tempo 2 m. 34 s.  $\frac{2}{5}$ .

Corrida de 100 kilometros no Parc des Princes em 29 d'abril. Classificação:

- 1.º Bouhours em 1 h. 39 m. 13 s.  $\frac{3}{5}$ ,
- (recordo Bouhours 1 h. 48 m. 50 s.  $\frac{3}{5}$ ),
- 2.º Baugé, a uma volta.
- 3.º Walters a sete voltas.

N'esta corrida, em que os 100 kilometros foram cobertos em menos de 100 minutos, Taylor percorreu na hora 62 kilometros 313 metros, batendo assim o seu proprio recordo, mas, em virtude de desastres succedidos, primeiramente ao tricyclo que o treinava, depois á propria bicycleta que montava, teve de renunciar, ao 82.º kilometro, á luta, da qual moralmente foi elle entretanto o vencedor.

Baugé bateu ultimamente o recordo de 10 kilometros em 9 m. 37 s.; o de 333 m. em 17 s.  $\frac{2}{5}$ ; o de 1.000 m. em 54 s.  $\frac{4}{5}$ ; o de 11 kil. em 10 m. 50 s.; o de 12 kil. em 11 m. 48 s.; o de 13 kil. em 12 m. 45 s.  $\frac{3}{5}$ ; o de 14 kil. em 13 m. 43 s.  $\frac{3}{5}$ ; o de 15 kil. em 14 m. 41 s.  $\frac{4}{5}$ ; o de 16 kil. em 15 m. 41 s.; o de 10 milhas (16 kil. o 90 m.) em 15 m. 46 s.  $\frac{1}{5}$ .

Este ultimo é um recordo europeu mas não do mundo, visto que a distancia foi coberta pelo americano Elkes, em outubro do anno passado, em Nova-York, em 15 m. 26 s.  $\frac{1}{5}$ .

MAGALHÃES FONSECA.

## CORRESPONDENCIA

### Porto

Foi uma festa deveras notavel, o sarau que o Real Velo Club do Porto offereceu aos seus associados e pessoas de suas familias e que teve logar no theatro Gil Vicente, do Palacio de Crystal, na noite de 3 do corrente com o seguinte programma.

#### PRIMEIRA PARTE

- I — Symphonia, pelo sextetto.
- II — Dialogo, pelos ex.<sup>mas</sup> srs. dr. Ernesto de Magalhães e Julio Moutinho.
- III — \*\*\*; banjo, por mrs. Owen e Mac Millan.
- IV — Verdi — D. Carlos, aria pela ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Amelia Von Hafe; ao piano o ex.<sup>mo</sup> Sr. F. Roncagli.

#### SEGUNDA PARTE

- I — Symphonia, pelo sextetto.
- II — Ó avô, comedia em um acto.
- Personagens. — Rosa, ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Irene Soa-

res; Manél do Vallado, ex.<sup>mo</sup> sr. Jeronymo Soares; João do Monte, ex.<sup>mo</sup> sr. Pedro Bandeira.

#### TERCEIRA PARTE

- I — Symphonia, pelo sextetto.
- II — Caricaturas, pelo ex.<sup>mo</sup> sr. Mario Monteroso.
- III — Chopin — Nocturno; Sarasate — Spateado, pelo ex.<sup>mo</sup> Sr. Moreira de Sá; ao piano o ex.<sup>mo</sup> sr. Xisto Lopes.
- IV — Verdi — Traviata, aria; Arditti — Parla, valsa, pela ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Ilda Palhares; ao piano o ex.<sup>mo</sup> sr. F. Roncagli.

#### QUARTA PARTE

- I — Symphonia, pelo sextetto.
- II — Ó bisavô, comedia em um acto.
- Personagens. — Rosa, ex.<sup>mas</sup> sr.<sup>as</sup> D. Irene Soares; Brigida, D. Olinda Peixoto; Catharina, D. Rosina Miranda; Mario do Rosario, D. Maria Amelia Peixoto; Pintasigo, D. Maria Luiza Peixoto; Manél do Vallado, ex.<sup>mo</sup> srs. Jeronymo Soares; João do Monte, Pedro Bandeira; Jeronymo, Ricardo Garcia; Zé canhoto, Achilles Múaze; Mateus, Henrique Rodrigues, Córós; Ex.<sup>mas</sup> sr.<sup>as</sup> D. Adelaide Guimarães, D. Hercilia Múaze, D. Ephigenia Peixoto, D. Maria Guimarães e D. Alмира Seabra; e Ex.<sup>mo</sup> srs. Amadeu Múaze, Mario Sequeira, Huberto Marinho e Luiz Monteiro.

O sextetto é composto dos ex.<sup>mos</sup> srs. José Schumacher Junior, Antonio F. de Mello, Edgar Katzenstein, Alfredo Martins, J. do Espirito Santo Guerra e J. A. Azevedo.

A symphonia pelo sextetto teve uma execução primorosa que a escolhida assistencia distinguuiu com copiosos applausos.

O dialogo que constituia o numero II do programma teve que ser substituido por causa de doença do sr. Julio Moutinho, recitando o sr. dr. Ernesto de Magalhães um monologo a que deu toda a graça e expressão sendo muito applaudido.

O *banjo* por Mr. e Mrs. Ouveu e a aria de D. Carlos pela ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Amelia Von Fafe tambem foram artisticamente executados.

O avô comedia em um acto pelos ex.<sup>mo</sup> sr. Pedro Bandeira, D. Irene Soares e Jeronymo Soares foi distintamente enterpretada e ouvida com immenso agrado fazendo-se aos distinctos amadores, uma calorosa ovação.

Foi tambem muito festejado o ex.<sup>mo</sup> sr. Mario Monteroso que é um caricaturista distinctissimo.

Ao distincto violinista sr. Moreira Sá executando admiravelmente o Nocturno de Chopin e a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Hilda Palhares cantou com superior correção, dispensou a selecta assistencia justissimos applausos.

Fechou o espectáculo com a comedia o «Bisavô, continuação da primeira em que novamente se distinguiram os ex.<sup>mos</sup> srs. Pedro Bandeira, D. Irene Soares, Jeronymo Soares, e Achilles Múaze, H. Rodrigues, D. Rosina Miranda, D. Olinda Peixoto e D. Maria Amelia Peixoto que receberam muitos applausos.

E' justissimo distinguir o nosso amigo sr. Pedro Bandeira a quem sem duvida se deve a execução primorosa que tiveram as duas comedias desempenhadas por socios do R. V. C. P. de quem foi elle o ensaiador e a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Amelia Bandeira que tambem auxillou eficazmente apontando as duas comedias.

Foi recebida com verdadeiro espanto a noticia de que o ministro da fazenda tinha mandado archivar a representação do R. V. C. P. que diz respeito a licença para bicycletas sob pretexto de que a lei não podia ser derrogada.

Não ha duvida que tem muita graça esta resposta, mas o que é muito verdadeiro é que o R. V. C. P. nunca pediu ao sr. Espregueira a derrogação da lei o que fez foi unicamente o que s. ex.<sup>a</sup> lhe aconselhou, que era lembrar ao parlamento, por meio de representação, a reforma de tão estúpida contribuição.

Archivada foi a representação, mas tambem no archivo das cousas *ultra sabias* já estão archivadas as sapientissimas medidas de fazenda que para bem do desenvolvimento do cyclismo foram creadas em Portugal.

Para o bem da educação physica temos 27<sup>00</sup> de valor de direites de entrada nas alfandegas 48310 réis de contribuição sumpluaria etc. etc. e umas estradinhas tão boas, tão boas!!!...

Fiquem certos que não ha cyclistas mais felizes no mundo que os portuguezes.

No proximo domingo realisa-se um passeio do R. V. C. P. á travagem onde se realizará o almoço e fazem-se os maiores esforços para que tambem se realice a batalha de flores no dia 20. 12-5-900.

PEDAL CHICO.



## TAUROMACHIA

### Uma Injustiça

A Empresa da praça de touros em Algés pede-nos a publicação da seguinte carta:

*Sr. redactor.*—Como explicação ao publico, a empresa da praça de touros em Algés esclarece que foi obrigada a suspender a corrida annunciada para quinta feira 10 do corrente, em que deviam lidar-se, á hespanhola, seis touros andaluzes comprados expressamente ao sr. D. Joaquim Perez de la Concha, importante ganadero sevilliano.

A causa de força maior que determinou esta suspensão foi o ter sido notificado á empresa, pela policia, que não seria permitido o espectáculo com picadores, porque d'esse trabalho tem o **exclusivo** uma praça do districto de Lisboa.

Ha, effectivamente, um regulamento improvisado ha um anno, consignando esta restricção, mas ha seis mezes haviam sido affixados — e por conseguinte visados pela policia — cartazes annunciando picadores em Cascaes. E' que, então, a auctoridade interpretando não a letra, mas o espirito do regulamento, que tinha ou parecia ter por fim evitar a repetição de scenas desagradaveis de *mojigangas*, não duvidou visar um cartaz em que se annunciavam artistas idoneos.

Hoje mudam as coisas de figura: despressa-se o espirito e aproveita-se a letra do alejado regulamento para favorecer um odioso monopolio.

Entendemos dever estas explicações ao publico, que tudo merece, para descargo da nossa responsabilidade.

Lisboa, 9 de maio de 1900.

A Empresa.

Dando publicidade a esta carta lavramos conjunctamente o nosso protesto pelo

favoritismo que se manifesta em favor d'outra praça, porque, não só no Campo Pequeno como em Cascaes, e em outros pontos se teem annunciado picadores.

Esperamos que a digna auctoridade superior do districto revogue a sua prohibição, e conceda á empresa da praça d'Algés direitos eguaes aos que usufruem as das outras praças do continente e ilhas.

### German Sanches

Communicam-nos de Hespanha que o novilheiro German Sanchez (Serenito), tem contratadas as seguintes corridas: Junho 3 e 5 em Murcia e 26 e 27 em St. Sever (França); Julho 25 e 26 em Judela de Navarra; Agosto em 25 e 26 em Valencia d'Alcantara, e 20 Sepulveda; em Setembro, 4, 5, 9, 15 e 16, em Alcaraz, Sarason e Valencia, respectivamente.

Ao modesto toureiro: *La mejor suerte.*



## Casa Columbia

25, Rua Garrett (Chilado), 27

Unico deposito de bicyclettes, Columbia e Hartford da celebre fabrica Pope & C. New York America.

Vendas a prompto e a prestações (sem entrada), 15000 réis semanais. Ensino, aluguer e reparações em todos os sistemas de bicyclettes.

Completo sortimento de accesorios. As magnificas cornetas *Espanita* cães.

CASA COLUMBIA

MODELS 1897 READY

**Columbia**

GREATEST BICYCLE FACTORY IN THE WORLD

POPE MANUFACTURING CO  
HARTFORD, CONN. U.S.A.

NEW CATALOGUE FREE FROM ANY COLUMBIA AGENT  
OR BY MAIL FOR A TWO CENT STAMP

**JOÃO VAZ DE COSTA**  
CONSTRUCTOR DE MOBILIAS ESCOLARES

Fornecedor do Estado  
e Camaras Municipaes

142, Rua do Bemfomoso, 148  
LISBOA

## AGENCIA HAVAS

Rua do Ouro, 30

Recebe anuncios para esta publicação.

## POR 500 RÉIS SEMANAES

MACHINAS PARA COSER

DA CAMARAS FABRIL

"SINGER"

MARCA DA FABRICA DE NOVA YORK

PARA FAMILIAS E INDUSTRIALES

POR 500 RÉIS SEMANAES

105, Praça do Loreto, 107

LISBOA

Companhia Industrial Productora

DE

## PAPEIS PINTADOS

Premiada em todas as exposições a que tem concorrido

27, Rua de S. Sebastião da Pedreira, 27

N.º TELEPHONICO 878

Fabrica papeis para forrar casas em todos os generos; papeis para encadernação, perca linas, chagrín, agathas; papeis marmoreados, papeis couchés para chromos e papeis de lustro para etiquetas e rotulos.

## Caçadas Portuguezas

POR

Zacharias d'Aça  
700 RÉIS

EMPRESA INSULANA DE NAVEGAÇÃO

PARA

Madeira, Santa Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa (Praia), S. Jorge (Vellas), Caes do Pico e Fayal.



Sae o vapor **Funchal**, commandante Antonio Xavier d'Andrade no dia 20 de maio ás 10 horas da manhã.

Trata-se com os agentes, Caes do Sodré n.º 84, 2.º andar.

Germano Serrão Arnaud.

## ARMAZEM DE VIVERES

ALBINO DAVID MARTINS

Generos de primeira qualidade  
Especialidade em café, lote, 720 réis o kilo  
Fructas nacionaes e estrangeiras  
Queijos, etc.

39, Rua Nova do Carmo, 41  
LISBOA

CAMBIO

LOTERIAS

Papeis de credito

João Vierling & C.ª

Rua do Arsenal  
41 e 48

PRACA DO MUNICIPIO  
1, 2 e 3

LISBOA

## CYCLISTAS!!

A CLEMENT em 1900, continuará, como em 1899 a ser a premiada

A CLEMENT é a preferida pela nobreza, pelo clero e pelo povo. Nem podia deixar de ser assim, desde que se sabe que a sua reputação é universal e que nenhuma outra bicycleta a eguala em elegancia, perfeição, livesa, rolamentos e preço. Prefiram a CLEMENT pois, se querem possuir uma bicyclete de confiança. A CLEMENT de estrada, é construída para suportar um peso d'un cyclista de 140 kilos. Bicycletes desde 80\$000 réis. Concertos gratos nas bicycletes vendidas por nós. — Vendas a prestações mensaes.

SANTOS BEIRÃO & HENRIQUE — Rocio, 15 — Lisboa



## Consultorio dentario Saturio Augusto Paiva

Cirurgião dentista

pela escola de Paris.—Doenças de bocca e dentes

Travessa de Santa Justa, 60, 2.º

## AOS CAÇADORES

Grande e variadissimo sortimento de espingardas de 1 e 2 canos, de carregar pela culatra, recebidas directamente da acreditada fabrica Victor Collette de Liege e d'outras, assim como da acreditada fabrica Manufactura Francaza d'Armas de St. Etienne—França.

### Revolvers

de diversos systemas e calibres. Legitimos revolvers americanos Smith Wesson, Colt e outros.

### Carabinas

Flobert, Merwin Hulbert e de outros systemas.

### Carabinas Buffalo

proprias para carreiras de tiro. Estas carabinas estão sendo adoptadas em França em todas as escolas de tiro, por serem de muita precisão e poderem servir para atirarem a distancias de 30, 50, 100 e 200 metros.

### Cartuxos

vasios ou carregados, cargas para revolver e carabinas, e todos os accesorios concernentes aos caçadores.

PREÇOS RESUMIDOS

**F. A. Ventura**

T. DE S. DOMINGOS, 50 A 56

LISBOA